

KALUNGA KIA KOLELAKU

Exposição individual da artista Luanda

Curadoria: Luiza Interlenghi

Abertura: 27 de maio de 2023, sábado, às 12h

Encerramento: 29 de julho, sábado, às 12h

Visitação: 27 de maio - 29 de julho/2023, quarta à sábado, 12h-17h

Conversa com artista e curadora: 07 de julho, sexta-feira, 17h

KALUNGA KIA KOLELAKU

Em *kia kolelaku*, Luanda ativa o tempo circular insurgente que liga o presente à ancestralidade. Assim nos conduz por marés em que passagens decisivas, apagadas das histórias atlânticas, foram navegadas e além: por territórios de resistência, os Terreiros de Umbanda, forjados nos embates contra-coloniais no Brasil. Povos escravizados, cujo sofrimento perpetrado nos naufrágios atlânticos – seus corpos lançados no oceano profundo ou marcados por suplícios em terra – voltam a soprar rúmos, que Luanda desvela em traços amorosos, com os matizes do azul e o escorrer dos desenhos terrosos. No Ateliê Terreiro há, ainda, escuta para cantos e relatos de seus ancestrais. Na *Mesa de Griot*, onde trabalha, representações de entidades – o preto velho, seu pai, sua mãe, caboclas e caboclos que vê e escuta – coexistem com cadernos em que são reunidos esboços de suas faces, pontos da Umbanda e rastros desses encontros espirituais. Na série *Desenhos dos ancestrais*, as linhas que se sobrepõem em grumos ou se espalham tateantes, rarefeitas, reverberam um olhar acolhedor e esperançoso, tal como a calmaria do mar, em que o trágico naufrágio subjaz na imensidão azul.

A retomada, em registro próprio, de ritos e objetos de culto da tradição da Umbanda se contrapõe ao esvaziamento e à mercantilização do sagrado. Assim, se rebela à redução do viver às práticas narcisistas e voláteis da rasa cultura das redes sociais, aos cliques e algoritmos que reduzem indivíduos a números em cálculos voltados para a dominação e o capital. As práticas de terreiro e da arte, reconsideradas por Luanda como núcleos de resistência contemporâneos, nos convidam a habitar esse território aberto pela pulsação circular dos cantos ancestrais. Por meio da sonoridade da língua *kimbundu*; da manipulação de matérias de terreiro, como o café e o anil adotados em pinturas e desenhos; assim como da rememoração poética na performance, a artista abre esse terreiro-território e nos convoca: “Vá ao terreiro ver e lembrar / que seu país nasceu de uma longa escravização.”

Kalunga kia kolelaku ativa as duas faces dos pórticos que ligam a rua ao interior da Abapirá. O casarão está situado na rua do Mercado, antiga região de comércio no Centro do Rio de Janeiro, que remonta ao passado colonial e às histórias silenciadas nos quase 400 anos de escravidão no Brasil. Para quem circula na estreita calçada, o vulto de expressão acolhedora que emerge de camadas aquosas em café e anil na pintura monumental *Pai Cipriano* é incontornável, pois toma completamente o vão do arco. Já no segundo pórtico envidraçado, pendem as contas de *Rosário dos barros*, formado por três grandes rosários de cerâmica. De modo contundente e afirmativo, estas presenças ostentam a contraface da dominação colonial, nos arredores da orla da Baía de Guanabara, por onde seguiam as embarcações do comércio atlântico de corpos escravizados até a região da Pequena África, onde fica o Ateliê Terreiro.

Da rua, é possível ainda entrever o interior do espaço, onde um conjunto de trabalhos articula várias passagens da prática no Ateliê Terreiro: uma fotografia da *Mesa de Griot* e, ao fundo, a série *Desenhos dos ancestrais* que, em marrons fluidos, desvenda feições de entidades que Luanda recebe. Ocupando todo o verso da pintura *Pai Cipriano*, se abre a escrita do poema *Cada gota de cera é uma lágrima do passado* – também falado na performance Terreirão. Heranças dos povos escravizados – Congada, Jongô, Samba de Roda, Choro, Samba, Capoeira, Ijexá, Candomblé Angola, Umbanda, Carnaval –, dentre tantas outras, são rememoradas aqui, na voz de Preto Velho. Revendo a tradição oral de terreiro na performance, essa voz revive o ciclo de vida e morte na travessia atlântica, enquanto a cera das velas goteja depositada no alguidar, louça sagrada, onde as lágrimas ancestrais são colhidas. Salve as Santas Almas Benditas / Do Cruzeiro e da Kalunga / Saravá que vem Luanda / Salve as Almas de Aruanda –

saudações que ressoam na canção *Viva as Almas!* encerrando a performance que, mais uma vez, gira o tempo circular de *Dikenga*. Marcam, assim, a resistência de povos escravizados: ao controle sobre seus corpos; à perseguição de crenças, vivências espirituais e comunitárias, ao domínio eurocêntrico homogeneizante. Sob o manto da modernidade, como sabemos desde o pensamento ativista decolonial, está a colonialidade. Ambos, indissociáveis da ideia do conhecimento universal linear, desqualificam a rica diversidade cultural e religiosa das etnias encontradas por toda geografia dominada. A resistência possível parte, então, da afirmação da diversidade. À luz das vivências geograficamente situadas, o conhecimento assume um caráter pluri-versal, enraizado no que é específico e diverso, como modo de habitar junto, de coexistência.

Ao rever a vivência artística como prática de terreiro, Luanda identifica na Umbanda um duplo enlace. Por um lado, abre acesso à sua ancestralidade diversa. Por outro, a religiosidade de origem kongo-angolana, enraizada no Rio de Janeiro, fornece o lastro local de sua estratégia insurgente. Pois isto a aproxima dos povos de Terreiro e quilombolas – tratados por Nego Bispo como grupos afro-pindorâmicos, que sustentam posições de resistência aos embates coloniais contemporâneos. Para Bispo, a religiosidade, fator preponderante da colonização, é um aspecto privilegiado para o entendimento das diversas maneiras de viver. De modo lúcido e assertivo, entende que “o presente atua como interlocutor do passado e... como locutor do futuro”. Portanto, investigar o sagrado e a ancestralidade, como propõe Luanda, sempre atenta ao pensador e ativista quilombola, tanto aponta para o presente como rearticula o futuro. Com essa clara ruptura do pensamento hegemônico universalista e desterritorializado, encontra certo sentido de comunidade pelas trilhas do sagrado e da integração com a natureza, abertas na Umbanda e nas tradições dos povos originários no Brasil.

Na religiosidade surgida na fricção – ou seja, no confronto entre matrizes africanas, povos originários do Brasil e o catolicismo no mesmo espaço físico, emerge o tempo longo e não linear. Mas, para o diagrama circular da cosmologia *Bakongo*, no qual o tempo gira em sentido anti-horário, a linha determinante é a que divide céu e mar. No *Dikenga*, com o nascimento e após o ápice da existência, o ciclo continua até o cruzamento da *kalunga*, a passagem para o imaterial e o retorno ao mundo físico. A linha do mar coincide com esse horizonte de passagem entre a luz solar e o mergulho profundo no *Mpemba*. Estes quadrantes são riscados na pintura de grandes dimensões *Dikenga*, da série *Ancestralidade e Atlântico*, posicionada no interior do espaço Abapirá. Tal como os pontos cardeais, dividem e orientam um campo azul dissolvente, que evoca a potência movediça do oceano. Diante desse mar, justo ao centro do *Dikenga*, flutua uma moringa, receptáculo de argila – a terra. Unidos à distância, iniciam uma outra volta desse ciclo em que a potência do sagrado retorna. Mar, terra e espírito se entrelaçam.

Posicionar-se poética e politicamente implica vislumbrar, em seu próprio tempo, a sombra e o invisível que o iluminam. Luanda conduz essa investigação do presente em um campo ambivalente, onde dissolve as bordas que separam a prática artística do trabalho espiritual. Observa, escuta e trabalha na *Mesa de Griot*, em fabulações que aderem às vivências contra-coloniais dos corpos marrons no Brasil. Busca a própria ancestralidade nas revelações de parentesco de mensageiros espirituais, nas diversas vozes que se aproximam e ligam suas vivências às matrizes afro-pindorâmicas formadoras do Brasil. Num ativismo de caráter contra-colonial, Luanda investiga a saga dos povos escravizados que cruzaram o Atlântico, e segue ao encontro de sua própria ancestralidade, como tática para desvelar decisivas estratégias coloniais contemporâneas, tais como o racismo e a exacerbação narcísica que descola a experiência tanto da diversidade das vivências comunitárias quanto do sagrado.

Obras

Pai Cipriano - Série Anil e Café (2023)

pintura | pigmentos anil, café, lápis | captação mediúnica | 280 x 160 cm

Dikenga - Série Ancestralidade e Atlântico (2022)

pintura e cerâmica | dimensão pintura 220 x 160 cm | cerâmica 30 x 20 x 20cm

Rosário dos Barros (2023)

escultura | 534 contas de cerâmica maciça | extensão 400 cm (3 peças)

Desenho dos Ancestrais - Série Mesa de Griot (2018-)

desenho | captação mediúnica | grafite, aquarela | dimensão 30 x 40 cm (8 peças)

Oceanos - Série Mesa de Griot (2018-)

aquarela | tons azuis e terrosos | dimensão 42 x 60cm

Mesa - Série Mesa de Griot (2018-)

fotografia | imagem da instalação permanente no Ateliê Terreiro | impressão em papel algodão | dimensão 30 x 40cm | Edição de 5 + 3 PA's

Terreirão (2023)

performance | objeto alquidar com cera de velas, banquinhos de Pretos Velhos, esteiras de palha taboa, ervas e incenso | duração 21 minutos

Pretas e Pretos Velhos (2023)

bandeira | sublimação em tecido | dimensão 30 x 40 cm | Múltipla edição aberta

Luanda é artista plástica, natural de Porto Alegre-RS e vive no Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Sua prática artística faz relações entre arte, ancestralidade e terreiro, histórias atlânticas e contra-colonialidade com o uso de diversas linguagens, incluindo instalação, pintura, escultura e vídeo. Fundadora e gestora do Ateliê Terreiro. Diretora cinematográfica com registro DRT 4892/SP. Doutora em Artes pelo PPGAV-EBA-UFRJ com a tese *Kalunga mu Kizua - O mar em tempo* (2021). Trabalha com arte contemporânea desde os anos 2000. Realizou diversas exposições e residências artísticas no Brasil, Argentina, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Peru, Malásia e Romênia. Site portfolio <http://luanda.art.br>

Créditos

artista: Luanda

curadora: Luiza Interlenghi

Abapirá: Bia Monteiro

obras: Luanda

escultura: Rosário dos Barros | queima Olaria Reginaldo Mendonça | montagem Ricardo Basbaum e Luanda

fotografia: Mesa - Série Mesa de Griot | impressão Bia Monteiro

bandeira: Preta e Pretos Velhos | impressão Rogério Maatouk | costura Márcia Silvia

performance: "Terreirão" | performer Luanda e performer convidada Preta Évelin | música "Viva as Almas" |

preparação de voz Ronald Valle | violão Ricardo Basbaum | voz poesia e canto Luanda | gravação poesia e música Haikal Studio

texto: "Futuro do Passado" Luiza Interlenghi

convite e pôster: Ricardo Basbaum

produção: Sebastião Jair do Nascimento

montador: KBedim Montagem